

## **Welcome Address – Cimeira das Democracias (Open Day)**

**5 de Junho de 2020**

**Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa, Professora Isabel Gil,**

**Senhor Director do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal, Dr. Pedro Valente da Silva,**

**Senhora Professora Mónica Dias, Directora do Open Day e do Programa de Doutoramento do IEP-UCP,**

**Senhor Professor Orlando Samões, Director da Licenciatura do IEP-UCP, e Co-Director da Cimeira das Democracias.**

**Senhor Presidente da Associação Académica do IEP-UCP, Senhor João Bule,**

**Senhores Embaixadores,**

**Senhores Professores,**

**Caros Alunos,**

**Minhas senhoras e meus senhores,**

Em nome do IEP-UCP, gostaria de dar as boas vindas a todos e agradecer a vossa presença no Open Day do IEP – A Cimeira das Democracias.

Voltarei a estar convosco mais logo, na ‘Aula Aberta’ e por isso não gostaria de abusar da vossa amável atenção.

Apenas gostaria de dizer que não é por acaso que o Open Day do IEP constitui uma simulação de uma Cimeira das Democracias.

No IEP, nós orgulhamo-nos de pertencer à Civilização Ocidental que deu origem aos ideais e à realidade democrática do que hoje justamente chamamos Mundo Livre.

Orgulhamo-nos por isso de convidar alunos e professores das escolas do ensino secundário a virem debater connosco – e não apenas a ouvir o que temos para vos dizer. Aqui, no IEP, todos temos voz, não apenas alguns – e todos somos educados numa atmosfera de conversação aberta, informada e

civilizada. Ouvimo-nos uns aos outros – e também discordamos uns dos outros. E continuamos a conversar!

Por isso também, não gostamos dos antagonismos tribais que hoje começam a reaparecer na praça pública entre dicotomias extremistas opostas. Isso em boa parte explica o título da nossa Cimeira deste ano — **“A Aliança Transatlântica e os Desafios à Democracia”** — que aliás foi também o tema do nosso Estoril Political Forum de Junho do ano passado.

Por isso também, temos orgulho na democracia portuguesa e na nossa participação – enquanto nação livre e soberana – nos clubes das democracias, a NATO e a União Europeia, bem como na Assembleia das Nações, a ONU, actualmente presidida por um Português, o Eng. António Guterres.

Também por isso nos orgulhamos de ter como Director do nosso Centro de Estudos Europeus outro Português que durante 10 anos dirigiu a Comissão Europeia — o Dr. José Manuel Durão Barroso.

Por isso também, orgulhamo-nos de ter dedicado ao tema da Aliança Transatlântica vários dos nossos anuais Encontros Internacionais de Estudos Políticos — o famoso Estoril Political Forum, fundado em 1993, no Convento da Arrábida, depois transferido para o Hotel Palácio do Estoril, o hotel dos aliados anglo-americanos durante a II Guerra Mundial.

Em 2004, o título do EPF foi **“Ideas of Europe and the Trans-Atlantic Relationship”**.

Em 2005, **“The Trans-Atlantic Relationship in a Global World”**.

Em 2009, **“NATO, 1949-2009: The Future of the Free World”**.

No ano seguinte, em 2010, recebemos aqui no IEP o então Secretário-geral da NATO, o senhor Anders Fogh Rasmussen.

Em Fevereiro do ano passado, 2019, recebemos a Secretária-geral Adjunta da NATO, a senhora Rose Gottemoeller.

Também no ano passado, em Junho de 2019, voltámos a dedicar o nosso Estoril Political Forum à NATO, sob o título **“The Atlantic Alliance: 75 Years After D-Day; 70 Years After the Founding of NATO; 30 Years After Tienanmen; 30 Years After the Fall of the Berlin Wall”**. Tivemos aliás o privilégio de ter connosco no Estoril o bisneto de Sir Winston Churchill, Randolph Churchill, que connosco quis comemorar os 70 anos da NATO.

Mas a cereja no topo do bolo — se me é permitida a expressão — terá sido a simplesmente surpreendente — e simplesmente inspiradora — conferência sobre os 70 anos da NATO que tivemos aqui no IEP, a 27 de Fevereiro deste ano, em associação com a Comissão Portuguesa do Atlântico, então ainda presidida pelo nosso querido Amigo, entretanto precocemente falecido, Deputado Júlio Miranda Calha.

Sob a égide do Presidente da República, três antigos Ministros dos Negócios Estrangeiros (Rui Machete, do PSD, Luís Amado, do PS, e Paulo Portas, do CDS) reafirmaram sem equívocos o compromisso Atlantista de Portugal, que seria em seguida vigorosamente sublinhado pelo actual MNE, Augusto Santos Silva.

No encerramento da conferência, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa recordou eloquentemente a referência demo-liberal que a NATO sempre constituiu entre nós — mesmo nos anos da ditadura, antes do 25 de Abril, em que simbolizou a esperança de uma transição civilizada para a democracia liberal; tal como durante o PREC, em que efectivamente voltou a simbolizar e de facto inspirou uma transição civilizada para a democracia liberal, concretizada pelo 25 de Novembro de 1975.

Difícilmente pode ser exagerado o alcance desta convergência, sob a égide do Presidente da República, entre responsáveis dos nossos três históricos partidos democráticos, sobretudo quando um deles está no Governo e os outros dois na Oposição. Numa época de deprimente crescimento dos tribalismos da esquerda e da direita, a conferência na Universidade Católica recordou alguns pressupostos fundamentais da democracia liberal ou constitucional.

A questão central sobre a NATO, como foi vigorosamente recordado na conferência na Universidade Católica, é que ela sustenta e exprime a aliança das democracias liberais que definem o Ocidente. Estes são valores perenes que não dependem de quem dirige temporariamente cada uma das democracias ocidentais. Seria muito desajustado, por exemplo, confundir o legítimo desconforto com o Presidente Trump com o afastamento da crucial aliança euro-americana. Tal como seria muito desajustado confundir o democrático voto britânico pelo Brexit com o afastamento estratégico entre a UE e o Reino Unido.

Winston Churchill sublinhou repetidamente a importância crucial de manter a unidade entre as democracias ocidentais. No discurso que inspirou a criação da NATO e em que pela primeira vez denunciou a “Cortina de

Ferro” soviética (proferido no Westminster College, em Fulton, Missouri, em 5 de Março de 1946, quando já era apenas líder da Leal Oposição, embora estivesse ladeado pelo Presidente Truman), Churchill sublinhou:

“Se as democracias ocidentais agirem em conjunto em estrita aderência aos princípios da Carta das Nações Unidas, a sua influência será imensa e ninguém ousará molestá-las. Se, pelo contrário, as democracias se deixarem dividir e ou se fraquejarem no cumprimento do seu dever e se estes anos cruciais forem desperdiçados, então de facto uma catástrofe pode cair sobre nós”.

Cinquenta anos depois, em 1996, no mesmo Westminster College de Fulton, a também ex-Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher reafirmou a mesma preocupação com a unidade do Ocidente:

“O Ocidente não é apenas uma construção da guerra fria, destituída de significado no nosso mundo actual, mais livre e mais fluído. O Ocidente assenta em distintivos valores e virtudes, ideias e ideais, e sobretudo sobre uma comum experiência de liberdade ordeira [...] Para defender e sustentar estes valores, a relação política atlântica deve ser constantemente alimentada e renovada.”

\*\*\*

Vale a pena recordar aliás que Winston Churchill teve um papel crucial no processo que conduziu à criação da NATO, bem como à criação da Comunidade Europeia. A 5 de Junho de 1946 — há precisamente 74 anos — depois de ter vencido a guerra em Maio de 1945 e perdido as eleições em Julho do mesmo ano, Churchill opôs-se no Parlamento britânico aos que queriam “castigar” a Alemanha:

“Crimes indescritíveis foram cometidos pela Alemanha sob o regime nazi. A justiça deve seguir o seu caminho, os culpados devem ser punidos, mas logo que isto tenha terminado — e espero que termine em breve — eu retomarei a declaração de Edmund Burke: “não posso culpar todo um povo.

“[...] Devemos proclamar sem reservas: Deixemos a Alemanha viver. Deixemos a Áustria e a Hungria serem livres. Deixemos a Itália retomar o seu lugar no sistema europeu. Deixemos que a Europa se erga de novo em glória, e que pela sua força e unidade possa garantir a paz no mundo.”

Na Universidade de Zurique, a 19 de Setembro desse mesmo ano de 1946, Churchill foi ao ponto de sugerir “uma espécie de Estados-Unidos da

Europa” (ainda que o Reino Unido, sendo apoiante e promotor, devesse em seu entender apoiar sem fazer parte):

“Vou agora dizer algo que vos vai surpreender. O primeiro passo na re-constituição da família europeia terá de ser uma parceria entre a França e a Alemanha. Apenas desta forma pode a França retomar a liderança espiritual da Europa. Não pode haver renascimento da Europa sem uma França espiritualmente grande e sem uma Alemanha espiritualmente grande.”

\*\*\*

Por outras palavras, aqui no IEP-UCP celebramos a fundação da NATO da mesma forma que celebramos a fundação da Comunidade Europeia — pela simples razão de que celebramos a tradição democrática e liberal cujas raízes assentam na civilização europeia e ocidental.

Gostaria agora de terminar com votos de bom trabalho nesta Cimeira das Democracias. E votos também de que, como costumamos dizer, “enjoy the day” com o IEP e a Universidade Católica.

Muito obrigado.